

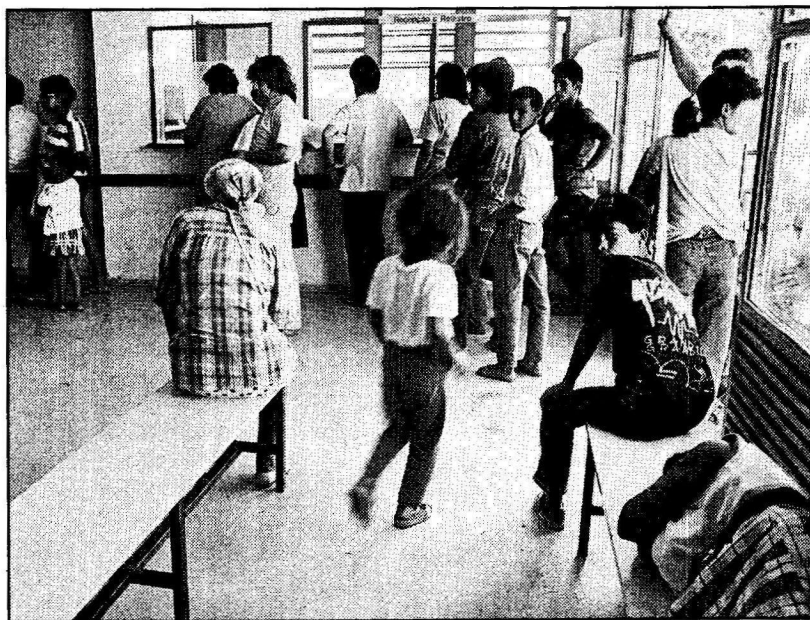
Pacientes de fora superlotam HBDF

Quarenta e oito pacientes de outros estados estavam internados no Pronto Socorro do Hospital de Base do DF (HBDF), contra 24 do Distrito Federal. Esta é a principal causa que compromete o atendimento da rede hospitalar, admite o chefe da Emergência do HBDF, Celso Antônio Rodrigues.

As pessoas vêm dos mais diversos lugares como Goiás, Bahia, Roraima, Minas Gerais e Pará, como é o caso de Auvino Marques da Silva, de 66 anos, que sofreu uma queda, quebrou o braço e foi operado em Boa Vista, sendo que após a cirurgia surgiram dois nódulos no local. Como os médicos não conseguiram definir o diagnóstico, Auvino foi colocado no avião do governo de Roraima com destino ao HBDF. Andréa Barbosa, 23 anos, tentou tratamento renal e pulmonar no Rio de Janeiro e São Paulo, sem êxito, veio do Rio de Janeiro para Brasília especialmente para tratamento.

Já Donizete Barbosa Neves, 26 anos, veio da Bahia. Donizete está em observação para investigação diagnóstica. Virgílio Ribeiro Soares é de Niquelândia (Goiás), tem 75 anos e teve que amputar uma das pernas, diz que o tratamento aqui é bom e mais eficiente que o de Goiânia, sempre que precisa vem direto para o Hospital de Base.

Problemas — O Politraumatizado do Hospital de Base tem capacidade para abrigar 38 pacientes entre as clínicas cirúrgica, geral e pediátrica, neurocirurgia, ortopedia e 14 leitos de reserva



Pessoas de outros estados buscam atendimento nos hospitais do DF

que totalizam 52 leitos para este setor. Segundo Celso Rodrigues, a maioria dos pacientes internados não constitui uma emergência médica, poderiam ser tratados em seu próprio estado.

Ele cita a cidade de Barreiras, na Bahia, que não tem ortopedia na rede pública, somente na rede privada. "Isso é um crime, sendo que a prefeitura da cidade nada faz para resolver o problema", afirma o médico.

Com estes pacientes a FHDF tem gastos astronômicos, pois, uma pessoa internada por seis horas custa CR\$ 40 mil, além da alimentação que é de CR\$ 1 mil por dia. "Por isso os recursos recebidos pela Fundação são in-

suficientes para aumentar o padrão de atendimento", diz Celso Rodrigues.

Ambulâncias — As ambulâncias dos municípios e estados são as principais intermediárias para todo o transtorno, pois trazem os pacientes e abandonam nos hospitais públicos do DF, sem inclusive saber o diagnóstico do paciente, pois muitas vezes a patologia é para tratamento em ambulatório. Como é o caso de Elecir Pires, residente em Unaí. Ao examinar a paciente, o médico diagnosticou como tratamento ambulatorial sendo que Elecir não tinha como retornar para a sua cidade, pois a ambulância voltou sem sequer esperar notícias.